



## **NARRATIVAS FEMINISTAS NEGRAS EM CONTEXTOS EDUCACIONAIS, UMA ANÁLISE A PARTIR DA LEI N. 10.639/03**

BLACK FEMINIST NARRATIVES IN EDUCATIONAL CONTEXTS, AN ANALYSIS  
BASED ON LAW N. 10.639/03

Kayllane Mendes Laurindo <sup>1</sup>  
Maria Luisa da Hora Ribeiro <sup>2</sup>  
Michele Pereira da Silva <sup>3</sup>  
Paula Agatha Pinto Batista <sup>4</sup>  
Sthefanni Batista de Sá <sup>5</sup>  
Viviane Ramiro da Silva Martins <sup>6</sup>

**Manuscrito recebido em:** 15 de novembro de 2023.

**Aprovado em:** 26 de dezembro de 2023.

**Publicado em:** 26 de dezembro de 2023.

### **Resumo**

**Introdução:** O tema da diversidade étnico-racial adquire maior visibilidade com a implementação da Lei n. 10.639/2003. Esse debate envolve questões como a discriminação racial no contexto escolar. Neste artigo, abordamos narrativas feministas negras tendo por base as reflexões coletivas realizadas na disciplina “Epistemologias Feministas Negras em Contextos Educacionais”, oferecida no segundo semestre de 2022, como Estágio docente, para os cursos de graduação em pedagogia e ciências sociais da Universidade estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (Uenf). **Objetivo:** Ressaltar esse percurso formativo de modo problematizar as narrativas de mulheres sobre a construção da intelectualidade em contextos marcados por discriminações interseccionais. **Metodologia:** Trata-se de um estudo de natureza qualitativa, tendo como enfoque o relato de experiência. Para tanto, foram privilegiadas a produção textual, e outros registros documentais produzidos pelas cursistas, referente à “Roda de Diálogos Intelectuais Negras”, promovida durante a disciplina. **Resultados:** Tendo por base os princípios analíticos do feminismo negro identificamos que as experiências formativas das cursistas apontam para os desafios da formação intelectual de mulheres negras em contextos de opressões interseccionais de classe, gênero e raça. **Conclusão:** As concepções e práticas educativas antirracista e antissexista compartilhadas ao longo desse curso refletem vivências e aprendizagens individuais e coletivas, nas quais as cursistas assumem o lugar de autoria colaborativa, como uma comunidade de aprendizados.

**Palavras-Chave:** Percurso Formativos; Relações Étnico-Raciais; Feminismo Negro.

<sup>1</sup> Graduanda em Ciências Sociais pela Universidade Estadual do Norte Fluminense.

ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-8174-2483> E-mail: [kayllanemendes9@gmail.com](mailto:kayllanemendes9@gmail.com)

<sup>2</sup> Graduanda em Ciências Sociais pela Universidade Estadual do Norte Fluminense.

ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-1998-5166> E-mail: [20211400039@pq.uenf.br](mailto:20211400039@pq.uenf.br)

<sup>3</sup> Graduada em Teatro pelo Instituto Federal Fluminense.

ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-9544-5878> E-mail: [pereira.michele@gsuite.iff.edu.br](mailto:pereira.michele@gsuite.iff.edu.br)

<sup>4</sup> Graduanda em Ciências Sociais pela Universidade Estadual do Norte Fluminense.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0214-0640> E-mail: [aghata170@gmail.com](mailto:aghata170@gmail.com)

<sup>5</sup> Graduanda em Ciências Sociais pela Universidade Estadual do Norte Fluminense.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3052-9170> E-mail: [sthefannibatista@gmail.com](mailto:sthefannibatista@gmail.com)

<sup>6</sup> Doutoranda em Políticas Sociais e Mestre em Sociologia Política pela Universidade Estadual do Norte Fluminense.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4916-2727> E-mail: [vivianeramiro@gmail.com](mailto:vivianeramiro@gmail.com)



## **Abstract**

**Introduction:** The issue of ethnic-racial diversity has gained greater visibility with the implementation of Law 10.639/2003. This debate involves issues such as racial discrimination in the school context. In this article, we address black feminist narratives based on the collective reflections made in the course "Black Feminist Epistemologies in Educational Contexts", offered in the second semester of 2022, as a teaching internship, for the undergraduate courses in pedagogy and social sciences at the State University of Norte Fluminense Darcy Ribeiro. **Objective:** To highlight this formative journey in order to problematize the narratives of black women intellectuals about the construction of intellectuality in contexts marked by intersectional discrimination. **Methodology:** This is a qualitative study focusing on experience reports. To this end, the textual production and other documentary records produced by the course participants were privileged, referring to the "Round of Black Intellectual Dialogues", promoted during the course. **Results:** Based on the analytical principles of black feminism, we identified that the course participants' formative experiences point to the challenges of the intellectual formation of black women in contexts of intersectional oppressions of class, gender and race. **Conclusion:** The anti-racist and anti-sexist educational concepts and practices shared throughout this course reflect individual and collective experiences and learning, in which the course participants take on the role of collaborative authorship, in the sense of a learning community.

**Keywords:** Formative Paths; Ethnic-Racial Relations; Black Feminism.

## **INTRODUÇÃO**

A implementação da Lei n. 10.639/2003 é fruto das mobilizações protagonizadas pelos movimentos sociais negros na sociedade brasileira. Essa normativa torna obrigatória o ensino da história afro-brasileira nos estabelecimentos de ensino no país.

§ 1º O conteúdo programático a que se refere o caput deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil. (Brasil, 2003).

Sendo assim, essa lei é uma iniciativa que objetiva estimular a construção de mecanismos institucionais na perspectiva da educação para as relações étnico-raciais (Silva, 2007). Na cidade de Campos dos Goytacazes, interior do Estado do Rio de Janeiro, dez anos antes, o poder público municipal já havia sancionado a lei 6.428\1993 que trata da obrigatoriedade da inclusão de estudos afro-brasileiros nos currículos escolares da rede municipal. Após décadas, mesmo com ambas as leis assegurando tais direitos, ainda é perceptível a dificuldade de incorporação dessa prerrogativa pelas instituições de ensino, inclusive no ensino superior.



Assim, as políticas curriculares das instituições de ensino continuam não refletindo a história, identidade e contexto dos sujeitos aprendizes em sua diversidade étnico-cultural. Exemplo disso, é a ausência de pensadores negros, tanto nas referências bibliográficas como no corpo docente das universidades brasileiras. Quando considerando aspectos de gênero e raça, o Censo da Educação Superior 2016 aponta a baixa representatividade feminina negra na docência da pós-graduação, com menos 3% de doutoras negras. Na graduação, as mulheres pretas representavam 6% do alunado, entre 20 e 24 anos de idade, enquanto as mulheres brancas na mesma faixa etária eram 40% (Inep, 2016).

A baixa representatividade na academia, local de produção de conhecimento, reflete uma forma de pensamento ocidental que se impôs como universal, negando o acesso à diversidade epistemológica, no dizer de Djamila Ribeiro (2021). Segundo a filósofa, o acesso a uma única via de conhecimento válida o mundo de acordo com o lugar social de um determinado grupo. Ademais, o grupo privilegiado cria barreiras para que outros grupos sociais não se enxerguem como produtores de conhecimento.

O apagamento sistemático do conhecimento produzido pelas populações negras reflete a manutenção do epistemicídio. Em sua tese de doutoramento, Sueli Carneiro (2005) denomina de epistemicídio os processos de negação de povos e grupos afrodescendentes como sujeitos de conhecimento, a partir da negação, ocultamento ou desvalorização de sua visão de mundo e dos saberes que a sustentam tanto a partir do continente africano quanto em sua diáspora. Desse modo,

o epistemicídio é para além da anulação e desqualificação do conhecimento dos povos subjugados, um processo persistente de produção da indulgência cultural pela negação do acesso à educação, sobretudo de qualidade, pela produção da inferiorização intelectual, pelos diferentes mecanismos de deslegitimação do negro como portador e produtor de conhecimento e de rebaixamento da capacidade cognitiva pela carência material e/ou pelo comprometimento da autoestima pelos processos de discriminação no processo educativo. Por isso, o epistemicídio fere de morte a racionalidade do subjugado ou sequestra a sua capacidade de aprender. (Carneiro, 2005, p. 97).

Isso porque, segundo Carla Akotirene, as dinâmicas sociais, econômicas e políticas que precarizam a educação pública no Brasil dificultam o acesso da população negra aos cursos de nível superior em universidades públicas. Na pós-graduação, os entraves são ainda maiores, tanto no que se refere aos processos seletivos dos projetos quanto na permanência de estudantes negros/as, sobretudo daqueles/as que desenvolvem temáticas raciais em seus projetos de pesquisa (Akotirene, 2017).



Frente a esse modelo de intelectualidade racista e sexista, bell hooks (1995) afirma, não ser possível tornar-se intelectual sem descolonizar a mente, pois para a educadora “[...] o trabalho intelectual é parte necessária da luta pela libertação é fundamental para os esforços de todas as pessoas oprimidas e/ou exploradas” (hooks, 1995, p. 466). Assim, a autora chama atenção para a necessidade de desenvolvermos estratégias para obter uma avaliação crítica de nossas práticas e para criar comunidades que promovam e sustentem plenamente o trabalho intelectual das mulheres negras.

Luciana Rodrigues e Aline K. Silva (2021) reafirmam a necessidade de criação de lugares que fortaleçam o trabalho intelectual de mulheres negras, formas de aquilombamento como enfrentamento político e epistêmico em espaços operados por lógicas racistas e sexistas, como a universidade. Nas palavras das autoras, precisamos de coletivos que possam sustentar nossa existência e nossas lutas; de afirmação daquilo que acreditamos como projeto de vida.

Nesse caminho, estão iniciativas como a disciplina optativa Epistemologias Feministas Negras em Contextos Educacionais, ofertada, no segundo semestre de 2022, na Uenf, como estágio docente, lecionada por uma professora negra. Esse curso possibilitou o acesso a bibliografia composta por um referencial bibliográfico pautado no pensamento social de mulheres negras. Contudo, experiências como essa ainda são atípicas e pontuais nessa instituição. No presente artigo, partimos do percurso formativo das cursistas dessa disciplina de modo a ressaltar as suas percepções sobre suas trajetórias formativas e os desafios epistemológicos enfrentados por elas dentro e fora da universidade.

A questão a saber é qual as percepções das cursistas sobre a proposta epistêmica dessa disciplina? Trata-se de exercício de autoconhecimento, de rememorar e ressignificar experiências que elas consideram relevantes em seus percursos formativos em distintos espaços sociais. Giovana Xavier (2021), apresenta caminhos alternativos de produção científica, dentro da abordagem que conceitua a história intelectual das mulheres negras. A historiadora defende um projeto de formação e construção de ciências que permita “[...] avançar no estudo das formas de agir, pensar e produzir saberes empreendidos por mulheres negras em tempos e espaços distintos” (Xavier, 2021, p. 226).



Sendo assim, a consolidação de práticas educativas colaborativas, desde uma perspectiva feminista antirracista, pode contribuir com projetos e ações de valorização das mulheres negras, como sujeito pensante que produz conhecimentos, assim como aponta para a necessidade das instituições e organizações sociais, comprometidas com a luta antirracista, a criarem políticas de afeto, ferramentas comunicativas e estratégias formativas que rompam com lógicas racistas, cisheteronormativas e elitistas em todos os níveis e setores da sociedade (Collins, 2012).

A compreensão da trajetória formativa das cursistas a partir do diálogo com teóricas feministas negras, tem como referência a noção de *escrevivência*. O termo *escrevivência*, formulado por Conceição Evaristo, em 1994, é jogo de palavras: “escrever” e “viver”. Segundo a escritora, a força dessa palavra está na genealogia da ideia, como e onde ela nasce: a experiência étnica e de gênero.

Assim, a *escrevivência* é um caminho trilhado por uma autoria negra, de mulheres principalmente. Ela carrega o sentido da coletividade, uma forma de pensamento forjado não só a partir das mais velhas mulheres que estão na linha de frente, mas também daquelas que formaram e formam, espiritual e eticamente. São mulheres que criam, que cuidam, que gestam mentes-corpos-territórios (Evaristo, 2022).

O texto está estruturado em duas partes. No primeiro tópico, abordamos o percurso formativo de duas cursistas, com objetivo de ressaltar alguns aspectos que elas consideram relevante sobre suas trajetórias, especialmente no que se refere aos espaços de produção de saberes em contextos acadêmicos. Em seguida, apresentamos uma prática pedagógica realizada no segundo módulo do curso Epistemologia Feministas Negra em Contextos Educacionais, denominada de “Rodas Intelectuais Negras”. Portanto abordamos uma experiência compartilhada, o sentir-pensar-existir delas no mundo. Nas reflexões realizadas neste estudo, ressaltamos as principais ideias que fundamentam projetos estéticos, epistêmicos e políticos voltados para o respeito e valorização da diversidade étnico-racial.

## **ESCREVIVÊNCIAS DO PROCESSO FORMATIVO DAS CURSISTAS**



Exercício de escrevivência

Eu corpus. Escrevivência, escrever sobre a vivência. Ou vivenciar para escrever? Aí está a questão do Cientista Social. É preciso ver para escrever? Ou viver? Se escrevo sobre o que vivo, não sou cientista? Tenho mesmo que correr atrás de pessoas nunca vistas? Não. Penso, verifico, logo existo! Me afirmo pelo bom trabalho que faço. Não pelo quanto me afasto. E que objeto é esse, que fala, pensa e sente? Pessoas objetificadas, coisificadas. Me lembra um passado recente. Essa pretensa neutralidade não me cabe. Não me veste. E isso não me faz falta. Tem como pensar-gente sem humanidade? Sou mulher, preta, jovem, nascida no século 21. E tudo isso se traduz no meu pensar. Agir, redigir. Na ausência do meu corpo ficará minha escrita. E que através dela eu esteja viva. Minhas páginas são minhas representantes. E ocuparão estantes, assim eu espero. Que o meu corpus me referencie. Mesmo que um dia me copiem. Soa pretensioso, talvez. Mas é isso que eu pretendo. Ser eu, sempre eu, mais de uma vez. (Sthefanni Sá, 2022)

A disciplina “Epistemologia Feministas Negras em Contextos Educacionais” surgiu como a proposta de contribuir com reflexões sobre questões étnico-raciais e de gênero, por meio da trajetória formativa de mulheres negras. Essa proposição objetivou também visibilizar Educadoras Negras e suas contribuições político pedagógicas em espaços educacionais diversos na região. O curso foi organizado em três unidades temáticas: i- “As *amefricanas*, nossos passos vêm de longe”; ii- “Educação da, por e para as mulheres negras” e, iii- “Sentir-pensar-comunicar nossas *escrevivências*”.

O primeiro módulo privilegiou a leitura e o debate sobre o pensamento feminista negro, sobretudo a produção acadêmica e literária latino-americana e brasileira. O segundo módulo se deu a partir da “Roda Diálogos Intelectuais Negras” e contou com a participação de mulheres, referências em diferentes áreas do conhecimento na região norte fluminense. No terceiro módulo, as cursistas apresentaram seminários temáticos, a partir da seleção de referências bibliográficas do curso de interesse delas, com o objetivo de estabelecer diálogos entre as vivências nas Rodas e seus percursos formativos.

Das dezesseis mulheres inscritas, apenas nove concluíram o percurso formativo da disciplina. Um jovem do curso de ciências sociais compareceu inicialmente nas aulas, mas não deu continuidade. As dificuldades de permanência no curso estavam relacionadas à dupla jornada de trabalho, em especial, a sobrecarga com tarefas domésticas, como cuidados de crianças. A maior parte das desistências, do curso de pedagogia, eram mais velhas, casadas e/ou tinham filhos. Apesar da disciplina ter sido pensada para esse curso, houve demanda de alunas



ligadas ao curso de Ciências Sociais. A participação de alunas de cursos distintos contribui com o enriquecimento das reflexões realizadas na disciplina. No quadro a seguir, apresentamos dados com perfil social das inscritas que frequentaram o curso no segundo semestre de 2022.

**Quadro 1:** Perfil social das cursistas

Nº	NOME	CURSO	COR/RAÇA
01	A. L. C.	CIÊNCIAS SOCIAIS	BRANCA
02	C. S. R.	CIÊNCIAS SOCIAIS	NEGRA
03	C. R. R.	CIÊNCIAS SOCIAIS	NEGRA
04	K. M. L.	CIÊNCIAS SOCIAIS	NEGRA
05	M. L. H. R.	CIÊNCIAS SOCIAIS	NEGRA
06	M. C. S. S. P.	CIÊNCIAS SOCIAIS	BRANCA
07	P. A. P. B.	CIÊNCIAS SOCIAIS	NEGRA
08	S. L. M. S.	PEDAGOGIA	BRANCA
09	S. B. S.	CIÊNCIAS SOCIAIS	NEGRA

**Fonte:** Produzida pelas autoras (2023).

Além de se autodeclararem negras, a maioria delas são jovens e se mobilizam a partir de diferentes coletivos universitários e/ou artísticos. Elas avaliaram de forma positiva o curso, assim como pontuaram suas dificuldades em realizar os exercícios de produção de resumos e fichamentos teóricos. Ainda assim, elas demonstraram interesse em publicar suas produções textuais. Assim, esse artigo é fruto de um esforço coletivo de sistematização das experiências que vivenciamos juntas na disciplina.

Apesar da maior parte delas demonstrar interesse em participar da elaboração deste trabalho, nem todas conseguiram acompanhar a agenda e realizar as tarefas encaminhadas, dentre as quais: releitura das produções individuais e coletivas das cursistas; elaboração do roteiro com delimitação da questão-problema e objetivos do estudo, assim como levantamento das revistas acadêmicas que dialogasse com o campo temático proposto por elas. O exercício de escrita colaborativa exigiu tempo e escuta. A discussão da proposta de elaboração deste trabalho foi retomada no segundo semestre deste ano, com a participação de seis cursista, por meio de encontros semanais realizados de modo *online*. Mas, apenas quatro delas conseguiram realizar as tarefas propostas que resultaram na elaboração deste artigo. Elas também receberam a orientação de Michele Pereira e foram acompanhadas pela docente do curso, que também contribui com a escrita e revisão final deste artigo.



Ressaltamos que as vivências e trajetórias das cursistas se aproximam no sentido de que todas reconheceram que o racismo estruturou as suas vidas, inclusive na infância. Segundo as cursistas, aprendemos a não ver beleza em nós mesmas, dado que o racismo antinegro impõe um padrão de beleza único: a brancura, sinônimo do belo, do bom, do universal. Nessa ideologia, a identidade negra é negada, dita como inferior. Por isso, o autoamor é uma ferramenta potente para as mulheres negras. Elas mantêm redes de afeto, espaços seguros, criam vínculos de confiança de modo a reconstruir suas identidades e fortalecer as redes de apoio mútuo em seus territórios. Como nos convida a refletir bell hooks (2020), o amor como política de cumplicidade desde uma perspectiva comunitária. Essa ética amorosa pode inspirar movimentos por justiça social que visem destruir os sistemas de dominação-exploração (hooks, 2020).

A dimensão da religiosidade de matriz africana apareceu atrelada à ancestralidade. Afronarrativas dos orixás como saberes decoloniais, uma afirmação identitária construída na diáspora africana que marca a experiência existencial de uma cursista. São vivências que rompem com as representações pejorativas que posicionam as mulheres negras em lugares de subalternidade. Yabás contemporâneas, que como suas ancestrais, continuam na luta contra as violências racistas e sexistas que as submetem a condições de vulnerabilidade (Werneck, 2010).

A teoria feminista negra dialoga em muitos aspectos com nossas trajetórias de vida. Como cursistas e educadoras, vivenciamos, trocamos e compartilhamos ideias sobre nossos projetos epistêmicos e políticos. As questões trazidas e/ou levantadas durante esse trabalho intelectual apontam para formas de autodefinição, modos de ser e se relacionar ressignificados, que podem fundamentar a construção de práticas pedagógicas antissexistas e antirracistas, a teoria como cura e autorrecuperação (hooks, 2020).

- Narrativas de si, como memória afrodiaspórica

Espelho de Oxum olhos d'água  
Mananciais de amor, onde brota a vida  
Identidade ancestral, devir negro  
(Viviane Ramiro, 2023)



O que é ser uma mulher preta na sociedade cimentada na violência racista? Meu fenótipo me fez passar por experiências racistas diversas desde muito cedo. Momentos de humilhação, ridicularização e menosprezo - velados ou explícitos. Desde muito nova me questionava se era bem-vinda nos espaços, se era vista como igual, digna de respeito. Não demorei a aprender: o não dito é dito o tempo todo. Lélia Gonzalez ensina que a branquitude busca justamente a ridicularização para não assumir seu racismo (Gonzalez, 1984). Nunca duvidei de minha negritude. Sim, sou uma mulher preta que vive em uma cidade extremamente racista e conservadora. Essa compreensão provoca tristeza, mas também tranquiliza a criança interna dentro de mim.

É extremamente difícil se enxergar nesse contexto social, entender que somos todos parte de um sistema. Estou aprendendo que problemas sistêmicos como o racismo, não podem ser reduzidos a uma perspectiva individual. Essa visão reducionista impossibilita-nos observar, de forma crítica, os fatores sócio-históricos, que fundamentam as injúrias e práticas racistas (Silva; Amorin, 2023).

Não é minha culpa, não tem a ver com algo que eu tenha feito de errado. O racismo faz com que sejamos responsabilizados. No imaginário racista, nem somos enxergadas como “mulher”, temos que ser fortes constantemente. Essa mentalidade enraizada se reproduz de diferentes formas em muitas instâncias sociais. Na minha família, as mulheres precisam ser fortes, precisam trabalhar - na maioria das vezes no sentido de servir, em situações desumanizadoras - precisam agir caso contrário quem irá?

Nesse contexto de opressões interseccionais, encontramos força em nossa ancestralidade. Vamos à luta com a força de Ogum - orixá senhor das guerras, que vence demandas, com a energia e determinação de Iansã, orixá guerreira, que controla os ventos e afasta os *eguns*. A doçura e sagacidade de Oxum - orixá das águas doces, fluidas e profundas, nos conduz à autorreflexão, fertiliza nossos caminhos. Precisamos lutar diante da violência racista, mas nossa existência não se reduz à luta. Se entender como mulher preta inclui enxergar os problemas de socialização visto que vivemos em um mundo branco, que limita as possibilidades de expressão da nossa negritude. A branquitude como parâmetro estético e intelectual. O que é arte? O que é ser bonita? O que é ciência? Esses questionamentos me inquietam, são questões que me atravessam diariamente, enquanto mulher negra. A branquitude deslegitima nossas formas de viver e estar no mundo, afeta a forma com que nos relacionamos, o modo como enxergamos o mundo.



Como artista e universitária, busco construir uma identidade emancipada. Referenciada em minha ancestralidade, transmuto as determinações da branquitude. Nessa travessia intelectual encontro muitos desafios, me deparo com turbilhão de dúvidas. Transformo inquietações em arte, vozes silenciadas, sentimentos negados. Encontrei formas de reconstruir a minha subjetividade. Pintar retratos de jovens negras invisibilizadas, narrativas multilaser. Através da minha arte produzo linguagens plurais, ocupo o mundo, desejo ser ouvida e respeitada. Pelas que vieram antes, por minha geração e pelas que virão, sigo em frente pela arte da escrevivência.

- Nas encruzilhadas da vida, amor preto

Ao longo de minha trajetória de vida sempre me chamou atenção a relação entre homens e mulheres pretas. Nos “concursos de beleza”, as meninas pretas não eram consideradas bonitas, nem pelos meninos brancos nem pelos meninos negros. Havia uma espécie de senso comum sobre a feiura das pessoas pretas. Acreditei nisso por muitos anos, pois em meu ambiente familiar e comunitário, a questão da negritude não era tratada. Aprendi a me auto odiar. A estética negra sempre foi uma questão para mim, sobretudo o cabelo crespo.

Durante a minha vida escolar, em uma instituição privada, a negação da negritude costumava ser naturalizada. O fato das demais crianças, com quem convivi, não se verem como negras me afetou ainda mais. Eu era percebida e tratada como a única negra, mesmo nem sempre sendo. Vivenciei muitos problemas de relacionamento, não tinha interesse pelas brincadeiras infantis. Acabei me distanciando delas. Cresci rápido demais, na verdade eu era lida como um miniadulto, por gostar de ouvir músicas e assistir séries. Em casa, faltou diálogo, não costumávamos falar sobre essas questões. Barbosa e Marinho (2022) afirmam que a desvalorização étnico-racial de grupos subjugados, como é o caso da população negra, repercute de forma negativa na formação identitária das pessoas negras, desde muito cedo. Em toda a infância, recebi, por parte da minha mãe, cuidadores e vizinhos mensagens de cunho racistas.

Nesta perspectiva, é possível perceber o impacto do racismo no modo como as crianças negras se reconhecem e a aceitação dos seus traços fenotípicos. Todos esses aspectos incidem na autoestima da criança negra, bem como, na sua noção de pertencimento racial. (Barbosa; Marinho, 2022, p.4)



Situação que me levou a ter problemas de aceitação da minha própria identidade. Hoje, luto contra o racismo enraizado, as representações pejorativas sobre o povo preto, o medo de não ser boa o suficiente para escrever o TCC, que está tão perto, muito menos de elaborar um projeto de mestrado. Em meio a ansiedade e medo, disciplinas como antropologia, geografia, epistemologias feministas negras e psicologia me despertaram o interesse de fazer terapia; me ajudaram a reconhecer minhas capacidades. Acredito que o bom desempenho que obtive nessas disciplinas, se deu em razão da empatia das professoras e professores. Agora consigo enxergar o quanto me autossabotei em diversos momentos da minha vida.

A descoberta do autoamor é muito potente. Mesmo que tardiamente, venho construindo o respeito e orgulho por meu povo. Hoje, sinto-me empoderada e orgulhosa. Mas, quando se trata de afeto, constato que as mulheres pretas continuam sendo preteridas. O afeto negado é uma imposição do celibato. Tenho muitos sonhos, no momento estou investindo em minha formação e cura através da terapia e bons círculos de amizade. Uma inquietação permanece, a raiva que sinto pelas situações que vejo de pobreza e abandono do meu povo. No futebol, encontrei bons amigos, a identificação foi mútua, onde sou apoiada e admirada pelo que sou, respeitada e reconhecida. Conhecer novas pessoas, tem me possibilitado enxergar outras perspectivas de relacionamento comigo mesma e com o mundo.

Hooks (2020) explica que, em razão da extrema violência colonial, a constituição de afetividade tornou-se demasiadamente difícil para as pessoas escravizadas. A reprodução de relações patriarcais e racistas continuou no pós-abolição, assim os esforços cunhados para entender a afetividade entre nós é um exercício recente, especialmente para as mulheres negras. Para a autora, a ruptura com essas violências históricas deve refletir em mudanças reais, no âmbito do trabalho, da saúde, da educação, enfim em todas as instâncias da nossa vida (hooks, 2020).

## **RODAS INTELLECTUAIS NEGRAS, GIRA ESCREVIVÊNCIAS**

A Roda de Diálogos Intelectuais Negras foi um dos recursos pedagógicos utilizados durante o segundo módulo do processo formativo no curso “Epistemologias Feministas Negras em Contextos Educacionais” que contou com a participação de



educadoras negras, com formações acadêmicas e culturais que dialogam com perspectivas feministas antirracistas. Essa atividade foi realizada durante o mês de outubro, conforme cronograma apresentado abaixo (Quadro 2).

**Quadro 2: Cronograma**

<b>Dia</b>	<b>Nome</b>	<b>Minibio</b>
04/10	Michele Pereira da Silva	Artista, formada em Licenciatura em Teatro
11/10	Adriana Medeiros	Prof <sup>ª</sup> . Rede Estadual de Educação, artista e poeta.
18/10	Clecia Maria Moraes Almeida	Psicopedagoga e psicóloga com experiência em Educação Infantil
25/10	Maria Clareth Gonçalves Reis	Pedagoga (Neabi-Uenf)

**Fonte:** Elaborado pelas autoras (2023).

Dos quatros encontros previstos, apenas dois foram realizados, devido a imprevistos profissionais ocorridos com duas convidadas. O primeiro deles, ocorreu na Casa Afroraiz, espaço de cultura preta gerido pelas artistas Daiane Gomes e Pamela Correa na cidade de Campos. Esse momento foi conduzido pela artista Michele Pereira. Já a segunda Roda ocorreu nas dependências da Uenf com a mediação de Clécia Moraes Almeida. A Roda Intelectuais Negras pode ser entendida como uma ferramenta metodológica, orientada pelo seguinte eixo temático: “Educação das, por e pelas mulheres negras”, a partir do qual, as convidadas foram motivadas a compartilhar suas trajetórias de vida: pessoais, profissionais e política.

A gira escrevivências se estruturou da seguinte forma. Um primeiro momento de acolhida das intelectuais convidadas pelas cursistas, seguido da apresentação autobiográfica das convidadas. Em seguida, as cursistas foram provocadas a sentir-pensar-comunicar suas percepções sobre o diálogo estabelecido na Roda. Por fim, elas sistematizaram essa experiência, com base nas leituras teóricas realizadas no curso. As produções das cursistas sobre a Roda Diálogos Intelectuais Negras intelectual serão apresentadas adiante.

- Você lembrou?

Michele Pereira da Silva se autodefine como quilombola e artista. Sua arte é uma forma de expor, falar e expressar o que sente. Mas, muitas das vezes sua voz é interrompida por preconceitos, racismos e pelo elitismo que estruturam a sociedade, inclusive as instituições como as universidades. Durante a Roda, a artista



apresentou a sua performance “A Volta ou a Re-volta de Michele” que ela realiza desde 2017 em ambientes institucionais e espaços públicos, e que inspirou a elaboração do seu trabalho de conclusão do curso em teatro no Instituto Federal Fluminense (IFF). A performance parte do seguinte questionamento: “Você lembrou?”, conforme ilustrado na figura a seguir.

**Figura 1:** Reprodução digital do desenho da performance “A Volta ou (Re)volta de Michele”.



**Fonte:** Acervo do curso (2022).

A representação dessa performance aponta para um apagamento de um fato histórico, a abolição sem reparação. A performance coloca luz sobre o “13 de Maio” de 1888, para evidenciar a natureza do racismo à brasileira. Para Michele Pereira, incômoda uma pessoa negra ter voz, clamar e exclamar, principalmente quando se trata de explicitar a construção sistêmica da branquitude, enquanto sistema que deslegitima as histórias afrodiáspóricas. Dado o constante menosprezo e o apagamento da influência, das contribuições intelectuais dessa população (Relato sistematizado pelas cursistas, 2022).

Essa performance nos fez revisitar memórias, despertou inquietações, expressas e sentidas através dos gestos compartilhados. Na performance, o corpo aparece como uma ferramenta educativa antirracista e antissexista, ao mesmo tempo, em que é oprimido, dados os obstáculos operados por padrões racistas e sexistas. No entendimento das cursistas, arte pode ser uma forma de questionar a reprodução de lógicas racistas nas instituições de ensino.





uma vez que os valores transmitidos aos estudantes se limitam a reproduzir as visões de mundo do ponto de vista europeu, enquanto desconsideram as contribuições de minorias étnicas, que expressam outras narrativas de mundo (Silva, 2007). Como apresentado anteriormente, essa situação é ainda mais excludente, quando se considera aspectos de gênero, uma vez que a maior parte das cursistas não conheciam e/ou não tiveram acesso a referências teóricas produzidas por mulheres negras em sua trajetória acadêmica, inclusive aquelas em etapas finais dos cursos de graduação.

- Aquilombamento epistêmico, como política de afeto

A segunda Roda contou com a participação de Clécia Maria Moraes Almeida, se autodenominou como mulher negra, psicóloga, psicopedagoga e professora. Ela passou a maior parte de sua carreira na educação infantil. Segundo a educadora, o aprendizado é uma habilidade humana, mas cada pessoa tem um tempo e uma maneira de aprender. Com isso, ela chama atenção para a necessidade de se considerar as individualidades no processo de formação dos sujeitos da aprendizagem. Mas, segundo essa intelectual, as instituições escolares têm dificuldades em criar ferramentas que reconheçam a diversidade de identidades e a criatividade que cada um e cada uma de nós trazemos. De modo contrário,

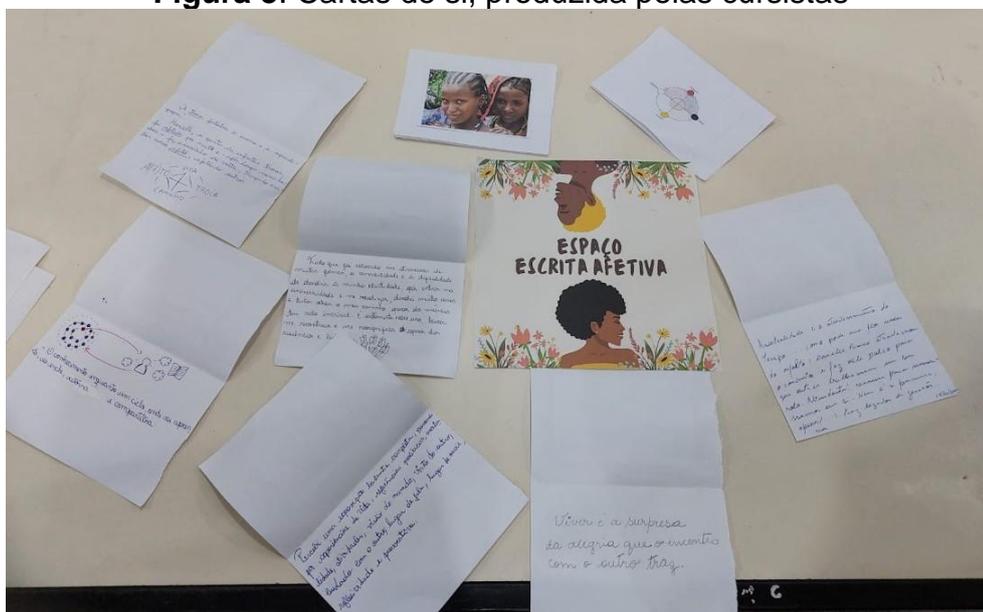
A roda foi um método de ensino que nos tirou da rotina, tornando o espaço mais confortável e a conversa mais fluida/circular. Esse modelo foi diferente não só em forma, mas também em conteúdo, pois as convidadas foram pessoas de outras áreas do conhecimento, que trouxeram suas experiências pessoais e profissionais para a conversa, que podemos trazer para a área das ciências sociais e pedagogia. Pudemos pensar questões comuns, porém com olhares diferentes, em escalas diferentes. (Relato II das cursistas, 2022)

Nessa perspectiva, torna-se fundamental a discussão de uma perspectiva de ensino que considera a complexidade e experiências singulares dos sujeitos da aprendizagem. A educação antirracista e antissexista deve romper com a hierarquização dos conhecimentos. “É preciso tornar a sala de aula um lugar seguro, onde os sujeitos da aprendizagem possam “errar” sem constrangimento e suas vivências sejam valorizadas” (Relato II das cursistas, outubro de 2022).



Na política do conhecimento compartilhado, o corpo adquire lugar central no processo de ensino-aprendizado. A escrita, a música, a dança, enfim, a valorização de diversas formas de produzir e expressar o conhecimento. Para Clécia Almeida, o conhecimento que adquirimos, só faz sentido quando contribui politicamente com o fortalecimento de nossas comunidades. Nesse aquilombamento epistêmico, a agência das mulheres negras é valorizada por meio de uma política de escrita sustentada em redes de acolhimento, espaços de produção de saberes onde nossas experiências possam ser pensadas-comunicadas, conforme sistematizações das cursistas.

**Figura 3:** Cartas de si, produzida pelas cursistas



Fonte: Acervo do curso (2022).

Romper com a suposta neutralidade científica não significa negar a ciência. Mas, afirmar e reconhecer a existência de outras epistemes. Ademais, é preciso desmistificar o conhecimento como dádiva, para apresentá-lo como fruto de construção coletiva. Uma ciência produzida no diálogo, nas trocas, nas discussões sociais, processos esses que geram aprendizados mútuos, como nos ensina a história do povo negro em diáspora: contar histórias, compartilhar saberes sobre nossas tecnologias ancestrais de (co)existências, como a capoeira, o jongo, o samba, o uso das ervas medicinais, entre outras epistemes. Aprendermos com as sabedorias de nossos ancestrais. São inúmeras as experiências empreendidas e ferramentas criadas em vistas do fortalecimento dos territórios negros.



[...] compartilhei uma prática educativa que realizei durante a pandemia, alfabetização de crianças do meu antigo bairro, que ficaram sem assistência naquele período. Me vejo nesse lugar de buscar o melhor para mim e de alguma forma dar o retorno para a minha comunidade. (Relato de uma cursista, outubro de 2022)

Esse relato se insere no contexto de déficit da alfabetização que aumentou durante a pandemia. Segundo levantamento da ONG Todos Pela Educação. O número de crianças brasileiras de 6 e 7 anos que não sabem ler e escrever cresceu 66% de 2019 para 2021 (Santos, 2022). Desse modo, milhares de crianças brasileiras foram privadas do direito à alfabetização, sobretudo as mais pobres, a maioria negras. A oferta da modalidade do ensino remoto não garantiu a alfabetização de nossas crianças na idade correta. Ademais, a trajetória escolar delas costuma ser marcada por muitas dificuldades, como demonstram dados sobre evasão escolar. Situação que evidencia a importância de se combater o racismo institucional que também é epistêmico e estrutura a produção do conhecimento nas universidades brasileiras.

Por isso, escuta e acolhimento devem ser bases para a construção de práticas pedagógicas antirracistas. Elas nos inspiram na construção de relações de ensino que rompam com lógicas racistas desumanizantes as quais estão submetidas as crianças negras nas instituições escolares. Apontando caminhos para a promoção da educação antirracista e antissexista, onde educadoras e educadores ao ensinar, aprendem e se reeducam. Esse processo formativo requer a ruptura com padrões hierarquizam o conhecimento para que se valorize a troca de saberes diversos.

Nesse caminho, teoria e a prática são dimensões inseparáveis, como nos ensina Lélia Gonzalez ao conectar a vida, a ação política e a produção acadêmica no processo de construção de epistemologias negras (Paz, 2019). São saberes produzidos na experiência colocam o desafio da aprendizagem, qual seja, construir um discurso potente que não apenas rompa com o silêncio, mas também transforma os nossos saberes, como comunidades negras, em linguagem e a linguagem em ação como proposto por Audre Lorde (Geledés, 2015).

A Roda Diálogos: Intelectuais Negras como ferramenta pedagógica se constituiu como uma política de afeto através da qual as participantes narraram suas experiências de superação das políticas de dominação. Nas palavras das cursistas é sobre criar uma rede acolhedora, falar e produzir conhecimento a partir de nossas próprias experiências, que refletem as proposições das autoras lidas na disciplina. Contudo, esse percurso não se fez sem dificuldades. A escrita é uma prática intensa que exige um constante exercício de refazimento. Então, “cumé que a gente



fica?” Seguimos em frente, referenciadas na sabedoria das nossas, pois enegrecer a produção do conhecimento de si e do nosso lugar no mundo não é tarefa fácil, mas é urgente e necessário.

## **PENSAMENTOS E POÉTICAS ESPIRALARES**

Neste trabalho, evidenciamos as possibilidades e desafios do trabalho intelectual de mulheres negras, a partir do percurso formativo e experiências educativas das participantes do curso Epistemologias Feministas Negras em Contexto Educacionais, realizado no segundo semestre de 2022, na Uenf.

As reflexões realizadas por meio deste estudo buscaram contribuir com a releitura das experiências formativas das cursistas. O estudo nos permite afirmar que não é possível pensar e produzir teorias comprometidas com a justiça social e diversidade cultural sem o questionamento das estruturas de opressão como o capitalismo, o patriarcado, a transfobia e o racismo. Destacamos ainda que uma perspectiva de educação como instrumento de emancipação coloca o desafio do reconhecimento dos saberes e experiências baseados em princípios da coletividade e da dialogicidade.

A Roda Diálogos Intelectuais Negras como uma ferramenta educativa possibilitou a articulação de imaginários políticos e epistêmicos que contribuíram com a formação intelectual das cursistas, uma vez que através desse espaço, elas ressignificaram suas trajetórias, o seu lugar no mundo, a partir do reconhecimento de suas potências criativas. Desse modo, essa experiência formativa proporcionou vivências e aprendizados individuais e coletivos, nas quais as participantes assumiram o lugar de autoria construída de forma colaborativa.

Consideramos que ler, ouvir e pensar a partir de autoras negras e latino-americanas influenciou positivamente na formação intelectual, visto que a diversidade de conhecimentos apresentados possibilitou a ampliação do nosso repertório teórico, nos provocando a imaginar outras formas de produzir conhecimentos. Além disso, a disciplina nos ofereceu um letramento racial crítico. Esperamos que as reflexões aqui apresentadas inspirem outras travessias, projetos educacionais emancipatórios – desde a educação básica a pós-graduação – que possam romper com as estruturas de poder hierárquico como o eurocentrismo, o racismo e o sexismo.



## REFERÊNCIAS

- Akotirene, C. (2017). Entrada e permanência de mulheres pretas na pós. *Obará Saberes*. Disponível em: <https://portalsoteropreta.com.br/2017/10/18/oparasaberes-carla-akotirene-da-revolta-a-ascencao-negra-em-mestrados-e-doutorados/>
- Barbosa, A. P., Marinho, G. D. A. S., Santana, J. P. (2022). Pertencimento Racial e Primeira Infância: relato de experiência sobre a valorização da cultura afro-brasileira através de atividades lúdicas. Dossiê Temático Saúde da população negra: Práticas e reflexões contra hegemônicas. *Práticas e Cuidado: Revista de Saúde Coletiva*, 3(e13895), 1-22.
- Brasil. Lei n.º 10.639, de 9 de janeiro de 2003. (2003). Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Brasília, BR: *Diário Oficial da União*. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/110.639.htm#:~:text=LEI%20No%2010.639%2C%20DE%209%20DE%20JANEIRO%20DE%202003.&text=Alterar%20a%20Lei%20no,%22%2C%20e%20d%C3%A1%20outras%20provid%C3%A2ncias](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm#:~:text=LEI%20No%2010.639%2C%20DE%209%20DE%20JANEIRO%20DE%202003.&text=Alterar%20a%20Lei%20no,%22%2C%20e%20d%C3%A1%20outras%20provid%C3%A2ncias)
- Carneiro, A. S. (2005) A construção do outro como não ser, como fundamento do ser. (Tese de Doutorado). Universidade de São Paulo, São Paulo. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/001465832>
- Collins, P. H. (2012). Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento. São Paulo: Boitempo.
- Evaristo, C. (2019). Abertura da Escola Internacional de Feminismo Negro Decolonial. Bahia, 2019. 1 vídeo (82 min). *Publicado pelo canal TV UFRB*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZHMf0FqqTkk>
- Evaristo, C. (2022, novembro). "A escrevivência serve também para as pessoas pensarem". Itaú Social, nov. 2022. Disponível em: <https://www.itausocial.org.br/noticias/conceicao-evaristo-a-escrevivencia-serve-tambem-para-as- pessoas-pensarem/>
- Geledés. (2015). A transformação do silêncio em linguagem e ação. (Comunicação de Audre Lorde no painel "Lésbicas e literatura" da Associação de Línguas Modernas em 1977). São Paulo: Portal Geledés. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/a-transformacao-do-silencio-em-linguagem-e-acao>
- Santos, E. (2022). Número de crianças que não aprendem a ler e escrever chega a 2,4 milhões e aumenta mais de 65% na pandemia, diz ONG. São Paulo: Globo: G1. Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2021/12/02/evasao-escolar-de-criancas-e-adolescente-aumenta-171percent-na-pandemia-diz-estudo.ghtml>
- Gomes, N. L. (2008). Intelectuais negros e produção de conhecimentos: algumas reflexões sobre a realidade brasileira. In: Santos, B. S., Meneses, M. P. *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez.
- Gonzalez, L. (1984) Racismo e sexismo na cultura brasileira. *Revista Ciências Sociais Hoje*, 2(1), 223–244.



Hooks, B. (1995) Intelectuais negras. *Estudos feministas*, 3(2), 464.

Hooks, B. (2020) Tudo sobre o amor: novas perspectivas. São Paulo: Elefante. Educação Superior. *INEP*, 2016. Disponível em: <[https://download.inep.gov.br/educacao\\_superior/censo\\_superior/documentos/2016/notas\\_sobre\\_o\\_censo\\_da\\_educacao\\_superior\\_2016.pdf](https://download.inep.gov.br/educacao_superior/censo_superior/documentos/2016/notas_sobre_o_censo_da_educacao_superior_2016.pdf)>

Paz, T. S. (2019). Processos Formativos de uma pesquisadora negra no campo da cibercultura e Educação: Implicações e Trajetórias. *Revista Docência e Cibercultura*, 3(3), 152–165.

Ribeiro, D. (2021). Epistemicídio. PURCS Online. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rIkQjKzIV8Q>

Rodrigues, L., Silva, A. K. (2021). Por uma política de escrita do cotidiano: enfrentamentos ao racismo e sexismo na universidade. [S. l.: s. n.], 1 vídeo (113 min). Publicado pelo canal *ELEEKO* Núcleo de Estudos e Pesquisas. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=c0QiStzQztA&t=2752s>>

Silva, P. B. (2007). Aprender, ensinar e relações étnico-raciais no Brasil. *Educação*, 30(63), 489-506. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/848/84806306.pdf>>

Silva, A. G. R., Amorim, A. M. (2023). Consciência, Racismo e Análise do Comportamento. *Prática e Cuidado: Revista de Saúde Coletiva*, 4(e14540), 1-26. Disponível em: <https://revistas.uneb.br/index.php/saudecoletiva/article/view/14540/11817>

Werneck, J. (2010). Nossos passos vêm de longe! Movimentos de mulheres negras e estratégias políticas contra o sexismo e o racismo. *Revista Da Associação Brasileira De Pesquisadores/as Negros/As (ABPN)*, 1(1), 07–17. Recuperado de <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/303>

Xavier, G. (2021). *Grupo Intelectuais Negras UFRJ: a invenção de uma comunidade científica e seus desafios*. *Revista Trabalho Necessário*, 19(38), 224-239. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/trabalhonecessario/article/view/43121/28414>